

O PSICODRAMA COMO FERRAMENTA PARA A PROMOÇÃO DE EMPATIA NA INFÂNCIA

Viviane Alves dos Santos Bezerra; Camilla Marques da Silva; Myria Juscelândia Maraço da Silva;
Marília Pereira Dutra; Lilian K. de S. Galvão (orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande, virivialves@hotmail.com

Resumo

A escola é um espaço que, além das habilidades acadêmicas formais, deve estimular outras habilidades essenciais para o desenvolvimento integral do ser humano, dentre estas a empatia. M. Hoffman (1989) define a empatia como a experiência em que o sujeito vivencia uma resposta afetiva que é mais adequada a outra pessoa do que a ela mesma. O psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno (1889-1974), constitui-se como uma abordagem sócio-psicoterápica, que se situa na interface entre a arte e a ciência, podendo ser utilizado tanto no contexto clínico quanto no contexto sócio educacional. Diante disso, considerando que é escassa a literatura que relaciona psicodrama, infância e empatia, o presente trabalho tem como objetivo avaliar a eficácia das técnicas do psicodrama para o desenvolvimento empático infantil. Trata-se de uma pesquisa-intervenção realizada com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, com idades entre oito e dez anos. Os dados coletados, registrados no Diário de Campo, foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de L. Bardin (1979). Na realização das intervenções foram utilizadas as seguintes técnicas psicodramáticas: bonecos/máscaras (adaptada), inversão de papéis, *role-taking*, vídeo psicodrama, fantasia dirigida, teatro de reprise e cena da descarga direta (realizada com bonecos de pano). Os resultados expressos no grupo focal revelaram que o psicodrama se mostrou um excelente recurso facilitador do desenvolvimento empático na infância, tendo em vista seu caráter versátil, que possibilitou a realização de vivências significativas para as crianças. Por fim, espera-se que este trabalho possa servir como inspiração para a atuação de psicólogos e educadores que estejam dispostos a apostar na experimentação do lugar do outro para a promoção da afetividade.

Palavras-chave: empatia, psicodrama, psicologia, educação.

Introdução

O ambiente escolar foi, durante muito tempo, caracterizado como um espaço que tinha como função social a passagem de conteúdos curriculares formais, onde os sujeitos eram preparados apenas para ter profissões. A relação ensino-aprendizagem era majoritariamente marcada pelo ensino de conteúdos da lógica matemática, linguística e memória (ARAÚJO, 2009), negligenciando outras dimensões constitutivas da pessoa humana, tal como o conhecimento e expressividade das emoções, e o desenvolvimento da moralidade. Contudo, hoje é possível observar algumas mudanças nesse panorama, tendo em vista que diferentes atores educacionais perceberam que na vida cotidiana o ser humano precisa lidar com situações nas quais os conhecimentos clássicos são insuficientes, para abordar questões como violência, preconceito, exclusão social, diversidade, entre

outros, e que para lidar com tais problemáticas é necessário desenvolver habilidades e conhecimentos além dos acadêmicos formais, sendo pertinente investir em uma educação em/para os direitos humanos.

Dentre as habilidades essenciais para a promoção de uma educação em/para os direitos humanos, destaca-se a empatia, caracterizada por Hoffman (1989, p. 285) como a “experiência vicária, na qual um sujeito vivencia uma resposta afetiva que é mais adequada a uma outra pessoa do que a ela mesma”. Essa habilidade é tão importante que alguns países, como os Estados Unidos, têm desenvolvido programas de intervenção visando o desenvolvimento da empatia no ambiente educacional, considerando que a empatia possui um papel importante para a formação de sujeitos autônomos, comprometidos socialmente, e habilitados para a convivência interpessoal (MORAIS; NÓBREGA, 2010). Del Prette e Del Prette (2013) apontam que a promoção de habilidades empáticas deve ser um objetivo pertinente à função social da escola, buscando o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, a fim de se construir uma cultura de interações sociais competentes. Entretanto, apesar dos inúmeros achados na literatura sobre a importância e os inegáveis benefícios da empatia, ainda verifica-se, no Brasil, um *déficit* quanto à existência de programas de intervenção que visem promover esta habilidade, sobretudo na infância.

Na tentativa de amenizar essa lacuna, foi desenvolvida em uma escola pública da cidade de Campina Grande – PB a pesquisa-intervenção intitulada: “Desenvolvimento empático na infância: intervenções educacionais”, que fez uso, para a promoção de habilidades empáticas, de uma variedade de recursos lúdicos, tais como: contação de histórias (por meio do avental interativo, palitoches e teatro de sombras), desenhos animados, músicas e técnicas do Psicodrama, sendo este último recurso essencial para a compreensão do trabalho em tela.

O psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno (1889-1974), constitui-se como uma abordagem sócio psicoterápica, que se situa na interface entre a arte e a ciência (RAMALHO, 2010), podendo ser utilizado tanto no contexto clínico, quanto no contexto sócio educacional. Segundo Vieira (2009), o psicodrama tem como principais fundamentos estimular a criatividade e a espontaneidade, possibilitando aos sujeitos condições para a emergência de novos papéis sociais, experimentação do lugar do outro, integração entre conhecimento adquirido e experiência vivida e a criação de modos alternativos de resolução de problemas.

Estudos apontam a eficácia do uso do psicodrama em diversos contextos, a saber: aplicado a grupos de crianças com dificuldades de aprendizagem (ANDRADE, 1997); na melhoria de práticas pedagógicas no contexto universitário (VIEIRA, 2009); no trabalho com gestantes, como forma de

enfrentamento das questões relativas ao período da gestação (POLSAQUE; WOLF, 2010); como estratégia de enfrentamento do luto em crianças (PALUDO, 2014).

O uso do Psicodrama, especificamente com o objetivo de desenvolver a habilidade empática, foi observado no estudo de Galvão (2010) com um grupo de adolescentes, apontando resultados significativamente positivos. Contudo, não se constatou, na revisão sistemática realizada, estudos que fizeram uso do psicodrama para promoção do desenvolvimento empático infantil. É nesse sentido que o presente trabalho tem por objetivo principal avaliar a eficácia das técnicas psicodramáticas para o desenvolvimento da habilidade empática em crianças. Para atender a esse objetivo, serão apresentados os resultados de uma intervenção que utilizou o psicodrama como ferramenta facilitadora para o desenvolvimento empático infantil, assim como a avaliação dos discentes participantes desse programa de intervenção.

Acredita-se que o compartilhar dessa vivência poderá contribuir para a construção de outras intervenções para a promoção de empatia, assim como para enfatizar a importância e a atualidade das técnicas do psicodrama.

Metodologia

Durante a vigência do Programa, para propiciar o desenvolvimento empático (Ago. 2016-Jul. 2017), foram trabalhados seis temas a partir de 12 intervenções, sendo duas para cada tema escolhido, os temas elencados foram: empatia e *bullying*, empatia e preconceito racial, empatia e necessidades especiais, empatia e questões de gênero, empatia e altruísmo. Nesse Programa, as crianças foram estimuladas a se sensibilizarem e a se colocarem no lugar do outro por meio de técnicas do psicodrama.

Participaram desta pesquisa-intervenção 38 crianças na faixa etária de oito a dez anos, da 4ª série do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB. Os encontros duraram em média 50 minutos e foram coordenados por três pessoas, sendo uma mediadora e duas auxiliares. A coleta de dados seguiu o procedimento ético padrão, sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 66072816.2.0000.5182).

Os participantes foram avaliados antes e após as intervenções. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados o Diário de Campo e a técnica do Grupo Focal, com o objetivo de levar os alunos a avaliarem os efeitos da intervenção em seu dia a dia. O grupo focal teve como questões norteadoras: se as crianças gostaram dos encontros e o porquê, o que haviam aprendido em cada encontro e o que tinha mudado em suas vidas após os encontros. No encerramento do grupo focal,

as crianças foram convidadas a se desenharem “antes e depois” da intervenção. O grupo focal durou cerca de 45 minutos. Os dados foram organizados com o auxílio da Análise de Conteúdo, de Bardin (1979).

Em função do volume de resultados obtidos na pesquisa, optou-se por apresentar, de forma detalhada, na seção de Resultados e Discussão apenas as técnicas do psicodrama utilizadas na primeira intervenção, desenvolvida com a temática “Empatia e *bullying*”, as técnicas utilizadas em outras intervenções são descritas de maneira sucinta.

Resultados e Discussão

Inicialmente, é relevante esclarecer que esta seção será dividida em duas subseções: a primeira, intitulada “Psicodrama, Empatia e *Bullying*”, dedicada à apresentação dos principais resultados obtidos no primeiro dia de intervenção, sistematizados a partir do Diário de Campo; a segunda, intitulada “Grupo focal: o antes e o depois”, dedicada à apresentação da avaliação que as crianças realizaram a respeito do efeito das intervenções.

Psicodrama, Empatia e *Bullying*

A primeira intervenção com o tema Empatia e *bullying*, intitulada “A inversão de papéis no uso de apelidos”, teve como objetivo principal promover entre as crianças uma reflexão sobre como, muitas vezes, os apelidos podem magoar aqueles que os recebem. Buscou-se, neste momento, levar os participantes a se colocarem no lugar do outro, com o intuito de fazê-los experimentar como o outro se sente em relação ao apelido proferido. A intervenção foi executada seguindo as três etapas fundamentais em uma seção de psicodrama, conforme proposto por Malaquias (2012): aquecimento, dramatização e compartilhar.

O aquecimento é a etapa inicial que visa levar o grupo ou indivíduo a destituir-se das resistências existentes, criando uma relação harmônica entre o grupo e a direção (no nosso caso, as mediadoras), direcionando a atenção do grupo para uma tarefa conjunta (RAMALHO, 2010). Na etapa do aquecimento, foi utilizado o episódio “É fácil rir dos outros”, do Desenho Nina Perguntadeira (*Milly Miss Questions*). A animação em questão tem cerca de 7 minutos e narra o dia em que Nina, protagonista do desenho, é vítima de *bullying* por seus irmãos, que zombam dela por ter perdido um dente. Nina se entristece e seu pai tenta mediar a situação, apontando que não devemos rir dos outros por causa de suas diferenças, pois isto pode magoá-los. O aquecimento foi

fundamental para o conhecimento das personagens e da cena a ser interpretada, ajudou a acalmar os participantes e auxiliá-los a desligar sua atenção do mundo externo, focando na dramatização.

A dramatização é a etapa do “como se”, caracterizada pelo desenvolvimento de uma cena que permite aos atores envolvidos refletirem sobre as relações ali existentes e desfrutarem da criatividade e espontaneidade (MALAQUIAS, 2012). Na etapa de dramatização foi proposto que as crianças recriassem uma cena do desenho assistido na fase do aquecimento, descrita a seguir:

Nina: Já vou avisando que não é pra rir, eu perdi um dente!

Irmã: Mostra! Olha, tá parecendo um pirata!

Irmão: Pirata de água doce né?

Irmãos: Hahahahaha.

Nina: Vocês estão zombando de mim?

Pai: Você perdeu um dente Nina? Deixa eu ver.

Pai: Sabe crianças eu ouvi vocês rindo, uma brincadeira tem a intenção de fazer os outros rirem, mas não é legal quando rimos das diferenças dos outros, isso pode magoar muito as pessoas. Já rir de si mesmo é bom pra gente não se levar a sério demais, e a gente também pode rir com os outros.

Para recriar esta situação foram utilizadas três técnicas do psicodrama: a técnica Bonecos/máscaras (adaptada), a Inversão de Papéis e o *Role-taking* (MORENO, 2003). A técnica do Bonecos/máscaras consiste no uso de máscaras ou fantoches para promover um maior distanciamento dos papéis executados (MORENO, 2003). Foram disponibilizados para as crianças acessórios diversos (nariz de bruxa, boca banguela, nariz de palhaço, boné cabeção, entre outros) para que recriassem a cena proposta a sua maneira, não necessariamente usando os apelidos proferidos no desenho. O uso da referida técnica propiciou o exercício da espontaneidade, da criatividade e conseguiu evitar a construção de situações ofensivas entre os participantes, visto que as crianças foram apelidadas a partir das características caricatas dos acessórios e não por suas características pessoais.

Em conjunto com a adaptação da técnica Bonecos/máscaras foram utilizadas, simultaneamente, a Inversão de Papéis e o *Role-taking*. Como pontua Ramalho (2010), a Inversão de Papéis é uma técnica clássica do psicodrama, amplamente utilizada tanto no contexto clínico quanto no contexto grupal, em que os atores são convidados a inverter os papéis. Já o *role-taking* é uma técnica que estimula o exercício de se colocar no lugar do outro e inferir seus pensamentos, sentimentos e expectativas. Juntas, essas duas técnicas atendem às condições essenciais para promover o desenvolvimento da empatia, visto que levam as pessoas a condição de atingir a perspectiva do outro e a captar o ponto de vista do outro sobre ele e sobre si mesmo.

Para execução das três técnicas supracitadas, as crianças foram divididas em grupos com três participantes e cada criança interpretou um dos personagens envolvidos na cena: o que recebeu o

apelido, aquele que apelida e o que media/observa a situação (os três atores envolvidos em uma situação de *bullying*), em seguida, foram convidadas pela facilitadora da intervenção a trocar de papéis. Durante a dramatização, as crianças usaram apelidos como: cabelo duro, tamanduá, bruxa, cabeção, chapa de velho, entre outros. Ao final, depois de experimentarem a Inversões de Papéis, as crianças apresentaram falas como: “Não podemos rir dos outros”, “Não é legal rir das diferenças dos outros, somos todos diferentes”, “Rir dos outros não é uma coisa boa”, o que sugeriu que o exercício imaginativo da inversão de papéis e do *role-taking* teve bom êxito.

A última etapa, o compartilhar, é o momento de expressão de emoções sobre o que foi vivido (MALAQUIAS, 2012). Os participantes foram convidados a compartilhar suas experiências com o tema *bullying* por meio do desenho (Figura 1) e a expor verbalmente o que foi vivido e sentido na intervenção.



Figura 1: Produções artísticas da etapa do compartilhar

Nota: A primeira imagem é de uma criança do sexo masculino, de 9 anos de idade e a segunda, de uma criança do sexo feminino, de 8 anos de idade. A tarja branca que aparece no segundo desenho foi projetada para salvaguardar o anonimato da criança.

Para se ter uma ideia das reflexões realizadas no momento do compartilhar, algumas falas foram transcritas do Diário de Campo:

- “Ela se sentiu mal porque falaram coisas que não são legais, eu também estou sem dente e isso não tem graça.”
- “Eu me sinto triste quando me apelidam de dente de coelho, sei que não é bom.”
- “Uma pessoa apelidada se sente humilhada.”
- “Não devemos apelidar os outros porque isso deixa a pessoa magoada e se sentindo mal.”

A partir das verbalizações e produções artísticas compartilhadas, pôde-se observar que as crianças, ao fazerem uso do psicodrama, puderam refletir que em uma situação de *bullying* existe mais de uma perspectiva envolvida. Puderam compreender que a pessoa vítima de *bullying* sente-se triste e humilhada, visto que na grande maioria dos desenhos produzidos esses personagens estão com lágrimas nos olhos. Conseguiram inferir que a pessoa praticante de *bullying* tem um

sentimento de superioridade, demonstrado pela coroa no personagem do primeiro desenho e a posição elevada de um dos personagens no segundo desenho. Conseguiram, ademais, relacionar o vivenciado com suas experiências pessoais, reconhecendo-se nas situações dramatizadas.

Na realização das demais intervenções (não relatadas nesse trabalho), outras técnicas do psicodrama foram utilizadas, a saber: vídeo psicodrama, fantasia dirigida, teatro de reprise e a cena da descarga direta (realizada com bonecos de pano) (MORENO, 2003), que serão descritas sucintamente a seguir.

O vídeo psicodrama caracteriza-se pela filmagem da experiência psicodramática, principalmente da etapa da dramatização, onde a cena filmada é assistida pelos atores para em seguida ser reencenada, modificando as partes que precisam ser mais trabalhadas (BLATNER; BLATNER, 1996). Foi utilizada, na referida pesquisa, para realizar a intervenção com o tema “empatia e preconceito racial”, em que as crianças foram convidadas a encenarem uma situação de discriminação racial vivenciada por uma criança, que foi excluída de uma brincadeira por sua cor. Após assistirem a cena da discriminação, os participantes foram convidados a reencenar e modificar o que considerassem oportuno.

A fantasia dirigida é compreendida como qualquer condução realizada por um diretor, em que os participantes são levados a lembrar de situações que já vivenciaram em algum momento de suas vidas, bem como são induzidos a imaginar lugares, personagens, etc. Assim, cada um vai criando, em silêncio, na sua imaginação, a cada sugestão do diretor. É comum a instrução da direção para manter os olhos fechados ou baixos, com o objetivo de concentração e introspecção. (RODRIGUES, 2007).

O teatro de reprise é uma modalidade de intervenção sociopsicodramática, inspirada em cenas vividas e relatadas por narradores espontâneos, caracterizando, dessa forma, um teatro espontâneo ou um psicodrama. A metodologia do teatro de reprise enaltece, pela cena individual, o assunto coletivo (RODRIGUES; COUTINHO; BAREA, 2012).

Essas duas últimas técnicas supracitadas também foram utilizadas na intervenção “empatia e preconceito racial”. Nesta, as crianças foram levadas, por meio da fantasia dirigida, a relembrem alguma situação de preconceito racial que já vivenciaram e, em seguida, foram convidadas a, por meio do teatro de reprise, representar as cenas que foram retomadas nos exercícios imaginativos.

A técnica cena da descarga direta, por sua vez, é compreendida como sendo o momento em que o ator é estimulado pelo diretor a expressar e comunicar seus conteúdos internos para um personagem do seu mundo externo (relacional) ou para um personagem do seu mundo interno

(intrapésquico). Estes personagens podem ser representados por objetos como: almofadas, cadeiras vazias, objetos da sala e, quando existe a possibilidade, por um ego-auxiliar (MORENO, 2003). No caso da pesquisa-intervenção em pauta, tendo em vista seu público-alvo (crianças), no processo de dramatização foi utilizado bonecos/as de pano. Na intervenção “empatia e comportamentos agressivos”, as crianças foram convidadas a contar para os bonecos/as (que representavam pessoas de sua vida) como se sentiram ao sofrerem agressão verbal e/ou física.

Cada uma das técnicas psicodramáticas utilizadas possibilitou o desenvolvimento de habilidades empáticas de observar, prestar atenção e ouvir o outro; demonstrar interesse e preocupação pelo outro; reconhecer os sentimentos do outro; compreender a situação; demonstrar respeito às diferenças; expressar compreensão pelo sentimento do outro; oferecer ajuda e compartilhar, conforme pode ser observado na avaliação realizada pelas próprias crianças relatadas no Grupo focal.

Grupo focal: o antes e o depois

Após a realização das 12 intervenções fazendo uso das técnicas psicodramáticas, visando propiciar o desenvolvimento da empatia, as crianças foram convidadas a participar do grupo focal, a fim de avaliar os efeitos das intervenções em seu dia a dia.

Quando a mediadora do grupo focal perguntou o que havia mudado em suas vidas, em seu cotidiano, depois que participaram do projeto as crianças enfatizaram que: 1) agora conheciam melhor os colegas da turma e “gostavam mais deles”; 2) estavam sendo mais prestativos e gentis com o próximo; 3) aprenderam a pedir desculpas; 4) disseram estar brigando menos com os colegas, pois deixar de brigar “é muito difícil”; 5) quando respondem a professora “ficam com vergonha”. As falas das crianças, demarcadas pelas aspas, são demasiadamente significativas e levam a acreditar que algo, verdadeiramente, foi transformado. Mudaram as relações entre os pares, com a professora, com a comunidade em geral, e todas essas mudanças foram atravessadas pelo desenvolvimento da capacidade de se colocar no lugar do outro. Contudo, ressalta-se que essas crianças não se tornaram perfeitas e nem era essa a intenção, parafraseando Nucci (2000), a proposta era promover a autonomia moral, a formação do pensamento crítico e reflexivo, que transpõe a ideia de crianças boazinhas e normatizadas. Elas continuam tendo opiniões divergentes e brigam por causa disso, continuam respondendo a professora, mas, a partir de agora, refletem sobre o que o outro está sentindo, sentem vergonha se agiram de forma incoerente e pedem desculpas quando é necessário.



No final do grupo focal, as crianças foram convidadas a desenhar e/ou escrever sobre o que mudou em suas vidas depois que participaram das intervenções. A Figura 2 apresenta algumas das produções. É possível observar, analisando os desenhos, que o que foi retratado pelas crianças está de acordo com o que foi trazido verbalmente pelas mesmas no grupo focal: a mudança de comportamento no trato com os colegas e com terceiros, demonstrando atitudes mais gentis; a reflexão sobre as próprias atitudes, na qual a criança no segundo desenho escreve “empurrei ele, eu não gostei fiquei triste”, além da gratidão para com as mediadoras, demonstrando que a experiência para elas foi de fato significativa.

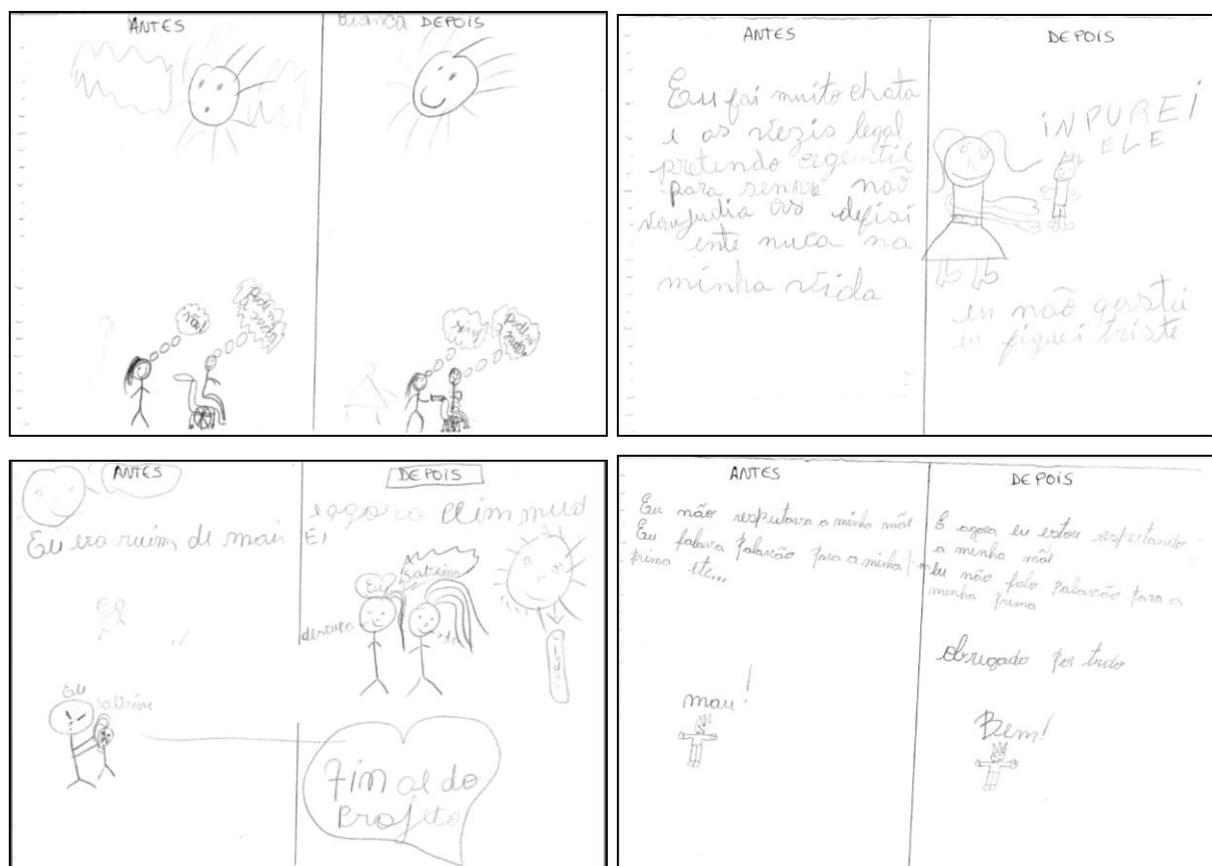


Figura 2: Desenhos produzidos após o grupo focal, representando o “antes e depois” da implantação do projeto. Nota: As imagens 1, 2 e 3 são produções de crianças do sexo feminino tendo a responsável pelo desenho 1, 8 anos, e as responsáveis pelos desenhos 2 e 3, 9 anos de idade. A imagem 4 é de uma criança do sexo masculino de 8 anos de idade.

Conclusão

Diante dos resultados apresentados, pode-se concluir que o psicodrama, por seu caráter versátil, se mostrou como um excelente recurso facilitador do desenvolvimento empático infantil e que sua utilização no contexto educacional tem muito a contribuir tanto para o desenvolvimento de

outras pesquisas, como a aqui descrita, bem como para a renovação dos modos de utilização das técnicas psicodramáticas.

A realização desta pesquisa demonstrou a potencialidade (e a necessidade) da realização de um trabalho para promoção de empatia, quando é observado que após a realização das intervenções, as crianças melhoraram sua sensibilidade empática e passaram a resolver seus conflitos sem o uso da violência. Compreende-se com isso, a pertinência de se trabalhar essa habilidade para a intervenção na educação de forma ampla, incluindo-se a educação em direitos humanos, tendo em vista que para educar em/para os direitos humanos é essencial introduzir aspectos afetivos nas práticas de intervenção.

Espera-se, por fim, que este trabalho propicie aos profissionais da educação, e aos psicólogos, estratégias para lidar com as situações complexas vividas dentro do ambiente escolar, situações que, muitas vezes, são combatidas com ações simplistas, baseadas em intervenções coercitivas ou proibitivas, desperdiçando recursos humanos, materiais e financeiros. Aponta-se que a educação empática aposta na experimentação do lugar do outro e na promoção da afetividade, como propostas que podem produzir resultados a curto, médio e longo prazo.

Referências

ANDRADE, A. S. Psicodrama aplicado a grupos de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Revista brasileira de psicodrama**, v. 5, n. 2. p. 93-106. 1997. Disponível em: <https://social.stoa.usp.br/articles/0015/4066/grupo_alunos_dist_aprend.pdf>. Acesso em: 20 de Mai. 2017.

ARAÚJO, J. R. Ensinar a paz: Proposta para um currículo de educação integral. In: Fórum Nacional de Educação para a Paz nas Escolas e nas Famílias. I. Alagoas. 2009. **Anais**. Dez. 2009. p. 1-9.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 1979.

BLATNER, A.; BLATNER, A. **Uma visão global do psicodrama**: fundamentos, teóricos, históricos e práticos. São Paulo: Ágora. 1996.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes. 2013.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia**: medidas, correlatos e intervenções educacionais. 299 f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7012/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 Mar. 2017.

HOFFMAN, M. L. Empathy, *role-taking*, guilt and development of altruistic motives. In: EISENBERG, N., ROYKOWSKY, J., STAUB, E. (Eds.). **Social and moral values: individual and societal perspectives**. 1989, p.139-152.

MORAIS, R. M.; NÓBREGA, S, T, G. Educação moral e empatia: Contribuições para a promoção de uma educação em/para os direitos humanos. In: Encontro Nacional do CONPEDI. XIX. 2010. Fortaleza. **Anais**. Jun. 2010. p. 2747-2756.

MALAQUIAS, M, C. Teoria dos grupos e sociatria. In: CONCEIÇÃO, M, I, G.; NERY, M. P. **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2003.

NUCCI, L. Psicologia moral e educação: para além de crianças "boazinhas". **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 71-89, dec. 2000. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27844>>. Acesso em: 20 Mai. 2017.

PALUDO, A. F. Metodologias de enfrentamento do luto em crianças segundo o psicodrama. In: Congresso brasileiro de Psicodrama. 19. 2014. Paraná. **Anais**. Abr. 2014.. p. 1-20;

POLSAQUE, G. F; WOLF, R. M. O tempo de gerar e nascer: experiência psicodramática num grupo com gestantes. In: Congresso Brasileiro de Psicodrama, 17., e Congresso Latino Americano de Psicoterapia de Grupo e Processos Grupais, 1. 2010. São Paulo. **Anais**. 2010.

RAMALHO, C. M. R. **Psicodrama e dinâmica de grupo**. São Paulo: Iglu, 2010.

RODRIGUES, R. **Quadros de Referência para Intervenções Grupais: Psico Sócio-dramáticas**. DP Sedes – Departamento de Psicodrama – Instituto Sedes Sapientiae – Setembro, 2007. Disponível em <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicodrama/Quadros_referencia_Intervencoes_Grupais.pdf>. Acesso em 22 ago. 2017.

RODRIGUES, R.; COUTINHO, E.; BAREA, J. Psicodramas públicos e teatro de reprise: Alice em busca do país da liberdade e da transformação. **Revista brasileira de psicodrama**, São Paulo. v. 20, n. 1, p. 155-171, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932012000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 ago. 2017.

VIEIRA, I. A. S. **Educação psicodramática libertadora: contribuições de Moreno e Paulo Freire para a prática pedagógica no contexto universitário**. 81 f. (Monografia). Federação Brasileira de Psicodrama. Sergipe. 2009. Disponível em: <<http://www.febrap.org.br/anexos/Ivna.pdf>>. Acesso em 07 Mar. 2017.

Agradecimentos

Ao Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC/UFCG) pela institucionalização do Projeto, a coordenação da escola pelo acolhimento e a todas as crianças por nos proporcionarem momentos ricos e desafiadores, nos fazendo trabalhar a nossa habilidade empática.